

Ano 5, Vol X, nº 3 , pág. 109-125, Jul-Dez, 2012 (Extra).

JOVENS SOBREDOTADAS E TALENTOSAS: SINGULARIDADES NA DEFINIÇÃO DE CARREIRA?

GIFTED AND TALENTED GIRLS: ARE THEY DIFFERENT IN CAREER CHOICE?

Ana P. Antunes (Universidade da Madeira)

Leandro S. Almeida (Universidade do Minho)

Resumo: Ao estudarmos a problemática da sobredotação e dos talentos verificamos que o reconhecimento das jovens sobredotadas e talentosas, bem como o desenvolvimento da sua carreira constituem tópicos que devem ser aprofundados dada a especificidade deste grupo de alunas. Ao longo deste trabalho apresentamos uma revisão da literatura e descrevemos os dados de um estudo exploratório realizado com um grupo de 14 alunos (sete rapazes e sete raparigas), os quais participaram num programa de orientação vocacional ao frequentarem o 9º ano de escolaridade, apresentando uma idade média de 14,6 anos e avaliados num estudo anterior como alunos mais capazes. Analisamos os dados face às expectativas profissionais e opções de prosseguimento de estudos, verificando-se alguma diferenciação entre os rapazes e as raparigas. Terminamos com algumas considerações sobre estudos futuros e práticas educativas que promovam o desenvolvimento integral destas jovens para que possam converter-se em mulheres realizadas.

Palavras-chave: Mulher; sobredotação; talento; desempenho; carreira

Abstract: As we study giftedness and talent issue, we realize that both the recognition of gifted and talented girls and their career's development are themes that should require further study because of the specificity of this students group. Throughout this work, we present a literature review and we describe the data of an exploratory study that was conducted on a group of 14 students (seven boys and seven girls), who attended a vocational guidance programme when they were in 9th grade, with an average age of 14,6 years old and evaluated in a previous study as high ability students. We analyze the data concerning job expectations and future academic studies options and we find some differentiation between boys and girls. We end this paper with some considerations on future studies and educational practices that promote the full

development of female youngsters which allow them to become fulfilled women.

Key-words: Woman; giftedness; talent; performance; career

Introdução

Ao longo da história o contributo profissional da mulher não tem merecido grande destaque, aparecendo condicionado por diversos estereótipos e pressões sociais. Centramo-nos, ao longo deste trabalho, nas mulheres sobredotadas e talentosas, partindo do pressuposto de que a sociedade perde um grande contributo, quando as opções de carreira para elas se revelam mais restritas, ao não ponderarem carreiras relacionadas com a matemática e a ciência (Perrone, 1997; Saavedra, Loureiro, Silva, Faria, Araújo, Ferreira, Taveira, & Vieira, 2011; Saavedra, Vieira, Araújo, Faria, Silva, Loureiro, & Taveira, 2011). Verificamos, ainda, que as mulheres, em relação aos homens, escrevem menos livros, assumem menos posições de liderança, registam menos patentes, recebem menos prémios (por exemplo, prémios Nobel) e também são menos reconhecidas como sobredotadas (S. Reis, 2005).

Nos últimos anos, a psicologia vocacional tem conseguido contribuições importantes à explicação das preocupações específicas inerentes ao processo de desenvolvimento da carreira das mulheres e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de estratégias de intervenção para as ajudar a alcançar sucesso vocacional (Betz, 2005; Fassinger & Richie, 1994; Taveira & Nogueira, 2004). Nesta lógica, procedemos a uma análise mais aprofundada de um grupo específico de mulheres, pesquisando como se estão a desenvolver as jovens e mulheres capazes de realização excelente a nível individual com repercussão nacional e internacional em várias áreas científicas, sociais e humanitárias.

Parece que este grupo de mulheres apresenta, na verdade, algumas especificidades que devem ser acauteladas pelos prestadores dos vários serviços de apoio e desenvolvimento, na medida em que as mulheres sobredotadas, na opinião de Kerr (1999), apresentam necessidades especiais no

desenvolvimento da carreira profissional que não se assemelham nem às dos homens sobredotados nem às das outras mulheres.

Ao longo de duas décadas, S. Reis (2005) desenvolveu uma ampla investigação, onde aprofundou o conhecimento sobre mulheres eminentes. Em sua opinião, o talento na mulher com potencial ou capacidades elevadas em termos intelectuais, criativos, artísticos ou de liderança, ocorre quando ela alcança a excelência na sua área de eleição e quando considera significativos os contributos do seu desempenho para a sociedade. Refere ainda que estes contributos são reforçados quando as mulheres desenvolvem relações interpessoais satisfatórias e têm como objetivo no desenvolvimento do trabalho a construção de um mundo mais saudável, ético e harmonioso. Os dados obtidos a partir desta investigação permitiram, ainda, propor um modelo explicativo da realização do talento nas mulheres caracterizado pela ação de quatro fatores (habilidades, traços de personalidade, contexto e percepções pessoais) no desenvolvimento duma crença no *self*, num desejo comprometido de desenvolver os talentos e na presença de um sentido de destino que as leva à ação perante a decisão consciente de desenvolver os seus talentos, mesmo em situações com pouco apoio e diversos obstáculos (S. Reis, 2005; S. Reis & Sullivan, 2009).

Procurando explicitar um pouco mais cada um destes fatores, em relação às mulheres que estudou, S. Reis (2005) explica que: (i) as habilidades são um fator importante, sendo que algumas foram alunas acima da média mas nem sempre as melhores alunas das suas escolas (quase todas possuíam talentos em áreas com a música, a escrita, a oratória ou o teatro e, na idade adulta, manifestavam comportamentos criativos e produtivos nos seus domínios de trabalho); (ii) os traços de personalidade diferiam bastante, mas encontrou algumas características em comum, como a determinação, a motivação, a criatividade, a paciência e a capacidade para correr riscos; (iii) o contexto onde se moviam também se revelou diverso, sendo provenientes de todos os estratos sociais; e (iv) as percepções pessoais caracterizavam-se, essencialmente, por cada uma delas apresentar um forte desejo de utilizar os talentos de um modo que conduzisse à satisfação pessoal e, ao mesmo tempo,

beneficiasse a sociedade. Cada uma delas tinha um sentido de destino (objetivos bem definidos de realização) e um propósito acerca da importância e da contribuição social que podia dar com o desenvolvimento do seu trabalho.

No entanto, à medida que a jovem com altas habilidades se vai desenvolvendo, construindo um projeto de carreira e exercendo uma atividade profissional, a jovem-adulta vai encontrando também algumas dificuldades, as quais podem funcionar como fatores inibidores do sucesso (Bizzari, 1998; Kerr, 2000; S. Reis, 1999). Nesse sentido, S. Reis (1999) ilustra alguns desses entraves mais frequentes à realização: (i) os estereótipos culturais em relação aos papéis sexuais e as mensagens contraditórias decorrentes destes estereótipos (por exemplo, ser curiosa e assertiva na escola pode contrariar a educação tradicional recebida em casa); (ii) o medo do êxito, que pode conduzir ao desinvestimento nos estudos ou no trabalho, evitando a segregação das amigas e dos colegas do sexo oposto; (iii) a falta de planificação em termos do futuro, que pode levar à ausência de um adequado planejamento da vida profissional; (iv) o perfeccionismo, quando pensa que deve ser perfeita em tudo e estabelece níveis de realização muito elevados; (v) o aumento dos níveis de preocupação em consequência da orientação vocacional realizada, pois algumas jovens, depois das sessões de orientação vocacional, sentem-se impelidas a investir na carreira mas não compreendem claramente como podem conciliá-la com a vida familiar; e (vi) a pertença a grupos minoritários com valores muito orientados para a família, para o não investimento na escolarização ou em carreiras de grande prestígio e reconhecimento social, vivendo geralmente em situações de pobreza acentuada.

Alguns autores sugerem que a orientação vocacional das raparigas sobredotadas deve ser perspectivada ao longo da vida e considerando algumas especificidades (Maxwell, 2007; S. Reis & Graham, 2005; Silverman, 1991). A forma de acompanhamento pode ser diversa, equacionando várias estratégias tais como a participação em programas de grupo, com duração variável, ou outras modalidades de intervenção, que podem ser aplicadas de forma isolada ou em simultâneo como, por exemplo, a tutoria, a biblioterapia ou a cineterapia (Maxwell 2007). Além disso, importa referir o papel crucial que os professores

podem desempenhar na criação de ambientes educativos desafiadores e interessantes, promovendo a competência nos domínios da ciência e da tecnologia, sobretudo quando o contexto envolvente a nível escolar e familiar não a promove (S. Reis & Graham 2005).

Numa perspetiva mais desenvolvimental, Kerr (1999) aponta-nos aspetos que se devem considerar na intervenção atendendo aos vários períodos de desenvolvimento psicossocial. Durante a infância, parece que as raparigas sobredotadas têm interesses por jogos mais parecidos com os interesses dos rapazes sobredotados (apreciam jogos ao ar livre, de aventura e exploração) do que com os das outras raparigas, evidenciando também interesses “femininos” como brincar com bonecas ou às “casinhas”. No entanto, como nas outras crianças, os estereótipos de papel sexual estão bem definidos desde a frequência do jardim-de-infância, sendo que as alunas sobredotadas parecem apresentar aspirações profissionais mais elevadas do que as outras colegas (veja-se, por exemplo, a referência a interesses nas áreas da paleontologia ou astronomia). Por isso, a intervenção vocacional nestas idades deve enveredar pela exploração e pela estimulação dos seus interesses por áreas diferentes e pouco comuns, procurando esbater o efeito já presente dos estereótipos dos papéis sexuais.

Na adolescência parece verificar-se uma grande mudança, sendo que as adolescentes sobredotadas passam de um desejo de autoestima e êxito para um desejo de amor e pertença, verificando-se, também, um interesse decrescente nas aspirações profissionais. Esta vivência é acompanhada, muitas vezes, por uma aversão em inscrever-se em cursos academicamente estimulantes. Perante este cenário a intervenção pode passar, essencialmente, por encorajar a frequência de cursos académicos que as estimulem e ajudem a manter as suas aspirações elevadas. Deve também ajudar a identificar e a superar as barreiras psicológicas e sociais que podem, tendencialmente, inibir a realização do seu potencial cognitivo e motivacional.

Na fase da juventude a intervenção parece, ainda, mais fundamental. As jovens talentosas ao frequentarem a Universidade deparam-se com a preocupação de como poderão conciliar a vida profissional com a vida familiar.

Embora reconheçam que não têm de fazer uma opção exclusiva por um ou por outro investimento, sentem-se desconfortáveis nessa situação de conflito interno, podendo mudar de ramo profissional para evitar deslocações geográficas ou um maior compromisso pessoal. O trabalho de orientação pode caracterizar-se pelo apoio à jovem no sentido de continuar a trabalhar para alcançar os seus objetivos, pelo desenvolvimento de um sentido de compromisso na área de eleição, pela ajuda a afirmar a sua competência em ambientes que se revelem mais “masculinos”, e na tomada de decisões, sobretudo, quando se forma um casal e ambos são profissionais.

Na idade adulta o rendimento profissional das mulheres sobredotadas ou com altas capacidades, em relação ao dos homens sobredotados, diminui bastante. A possibilidade de constituir família e eventual maternidade parecem ser os principais fatores a condicionar a realização do potencial das mulheres talentosas na idade adulta. Assim, a intervenção vocacional pode ajudar a mulher adulta com estas capacidades a fazer valer as suas próprias necessidades e objetivos nas relações interpessoais e a confrontar-se com o tratamento desigual que, eventualmente, possa receber no local de trabalho; orientar o casal onde ambos têm papéis profissionais ativos; ajudar a mulher sobredotada solteira a definir estilos de vida satisfatórios face à pressão social de celebrar casamento; desenvolver técnicas de reinserção e de procura de emprego para as mulheres que abandonaram os estudos ou o trabalho; e apoiar as mulheres no desenvolvimento do compromisso com a sua vocação, na descoberta do verdadeiro sentido da sua existência.

No seguimento do que acabámos de expor parece-nos interessante acrescentar o facto de parecer que as mulheres talentosas percecionam o seu sucesso profissional de forma diferente. Elas tendem a concentrar-se, além do desempenho profissional, noutros aspetos de índole mais emocional tais como a qualidade de vida, a satisfação pessoal, a felicidade e o sentido que atribuem à realização (Bizzari, 1998; S. Reis, 2003; S. Reis & Sullivan, 2009; Silverman, 1995; Silverman & Miller, 2009). A forma de vida que as mulheres sobredotadas e talentosas assumem é bastante condicionada por determinantes socioculturais, pelo que a educação pode revelar-se um fator promotor

importante ao permitir o desenvolvimento de uma maior autonomia, ainda que, muitas vezes, as expectativas profissionais se restrinjam às associadas tradicionalmente ao género masculino (Bizzari, 1998). Apesar de a conjuntura sociocultural e a condição psicológica da jovem sobredotada do século XXI ser diferente da verificada até há pouco tempo, sobretudo na cultura mais ocidental, ainda falta percorrer algum caminho no que respeita à realização plena da sua carreira (Roepel, 2003). Por exemplo, numa investigação que acompanhou ao longo de quatro anos jovens sobredotadas alemãs e americanas verificou-se que, à medida que foram crescendo, as primeiras foram assumindo características mais masculinas e as segundas mais femininas, sendo que em todas se verificou uma incorporação de concepções tradicionais de desempenho de papéis profissionais em função do género. Além disso, verificou-se ainda, neste grupo de jovens, uma diminuição das expectativas de liderança ou de ambições relacionadas com o exercício da carreira (Fiebig, 2008).

Claro que a perspetiva adotada pelas mulheres traduz uma concepção social mais alargada e enraizada em vários campos de atuação. Importa pois que a escola reconheça o seu potencial e facilite a transformação deste potencial em desempenho. Pese embora essa importância, nos programas para sobredotados as raparigas aparecem em número inferior ao dos rapazes, indiciando dificuldades no reconhecimento das suas habilidades por parte dos professores, reproduzindo um modelo de crenças enviesado a favor do género masculino (A. Reis & Gomes, 2011). Dessa forma se percebe uma perpetuação de estereótipos, processada de forma subtil, que pode inibir a opção das mulheres por determinadas carreiras. Aos educadores escolares e familiares importa a consciência deste facto, pois a existência de figuras de referência, como por exemplo os professores, assumindo-se como mentores que estimulam, desafiam e debatem crenças, surgem muitas vezes associadas a percursos de sucesso e excelência (Antunes & Almeida, 2008; S. Reis & Graham 2005).

Com a realização deste estudo pretendemos contribuir para a reflexão sobre a atenção às alunas sobredotadas e talentosas, apresentando a realização de um pequeno estudo exploratório sobre as opções vocacionais num grupo

específico de alunos comparando os resultados em função do género de pertença.

Metodologia

Participantes

Para a realização deste estudo foi selecionado um grupo de 14 alunos (sete rapazes e sete raparigas) com altas habilidades a frequentar o 9º ano de escolaridade numa escola pública do Ensino Básico, do distrito de Braga, Portugal. Estes alunos apresentavam uma idade média de 14,6 anos ($DP=0.84$) e participavam num programa de orientação vocacional. Importa referir que a seleção dos alunos para este trabalho foi feita tendo em conta um trabalho realizado anteriormente (Antunes, 2008), quando frequentavam o 6º ano de escolaridade, no qual se efetuou a seleção de alunos mais capazes para a participação num programa de enriquecimento, sendo que essa seleção foi realizada através de um processo de avaliação que considerou a sua pontuação superior em testes de inteligência e de criatividade, assim como elevado rendimento académico (classificações escolares). Em termos sociais estes alunos eram provenientes de estratos sociais baixos ou médio baixos e a maioria dos pais possuíam a escolaridade básica.

Instrumentos

Partindo dos objetivos traçados neste estudo tomámos como instrumentos de recolha de dados alguns dos materiais utilizados na realização das tarefas que constavam na aplicação do programa de orientação vocacional. Assim sendo, destacamos dois materiais fundamentais: o Manual do Programa “Para lá do 9º ano!” e o Caderno do Aluno. O programa “Programa para lá do 9º ano!” tem como objetivo principal auxiliar no processo de definição de carreira dos alunos e na tomada de decisões inerentes à mesma, ponderando características individuais, sociofamiliares e contextuais, através de atividades de planeamento, exploração e recolha de informação (Super, 1990; Taveira,

2000). O programa organiza-se em quatro módulos sequenciais promovendo a exploração vocacional e a tomada de decisão em relação face à hipótese de prosseguimento de estudos ao nível do Ensino Secundário. No decorrer do programa fomenta-se o desenvolvimento do autoconhecimento e promove-se o conhecimento da das várias opções de formação bem como da organização do sistema de ensino, no sentido de proporcionar mais condições para um maior envolvimento e compromisso com a tomada de decisão.

O Caderno do Aluno consiste na construção de um dossiê individual com o diverso material trabalhado em cada sessão permitindo, a cada aluno, registar apontamentos e monitorizar o seu processo de desenvolvimento vocacional. Neste estudo, consideramos alguns dados recolhidos neste caderno, referentes a alguns aspetos socio biográficos, às profissões que mais gostariam de exercer, às expectativas face ao prosseguimento de estudos e à tomada de decisão sobre a opção de prosseguimento de estudos quando finalizassem o Ensino Básico.

Procedimentos

A realização deste estudo foi possível devido a um pedido da escola para a realização de atividades de orientação vocacional junto dos alunos que frequentavam o 9º ano de escolaridade e ao nosso interesse em estudar as questões das altas habilidades no contexto escolar. Dessa forma, face ao interesse e disponibilidade dos alunos em participarem no programa “Para lá do 9º ano!”, foi possível a sua implementação ao longo do terceiro período letivo, formando-se sete grupos de trabalho, onde o número de alunos por grupos variava entre seis e 12 elementos (os participantes deste estudo encontravam-se distribuídos pelos sete grupos formados). A implementação do programa decorreu em sessões semanais de apoio direto em grupo, ou individualmente com alguns alunos, recorrendo-se em alguns momentos à presença do encarregado de educação e/ou do diretor de turma.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Considerando os objetivos definidos começamos por dar a conhecer alguma informação que nos permite analisar e discutir a temática em estudo. Assim sendo, apresentamos no Quadro 1 dados sobre as percepções dos alunos, antes de frequentarem o programa de orientação vocacional, relacionados com as profissões que gostariam de exercer e que opção de prosseguimento de estudos estavam a ponderar. Indica-se, ainda, a opção que realizam após frequentarem o programa (a opção a nível do prosseguimento dos seus estudos no Ensino Secundário).

Quadro 1
Expectativa e tomada de decisão dos alunos por género mediante a participação num programa de orientação vocacional

N	Género	Início do programa		Decisão no final do programa
		Três profissões preferidas	Expectativa de prosseguimento de estudos no Ensino Secundário	
1	F	Pediatra, Educadora de infância, Advogada	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	CT
2	F	Gestora	CT (e depois Universidade)	CP / CSE
3	F	Não refere	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	CT
4	F	Investigadora, Tradutora	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	CT
5	F	Guitarrista, Médica	CT (e depois Universidade)	CT
6	F	Bailarina, Artista (pintora, escritora), Realizadora ou Argumentista	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	AV
7	F	Contabilista	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	CT
8	M	Técnico de informática, Militar	CT (12º ano)	CT
9	M	Militar, Forças especiais, Polícia	CT (12º ano e depois Academia Militar)	CT
10	M	Cirurgião, Biólogo, Advogado	CT	CT
11	M	Desporto, Arqueólogo Gestor, Técnico de Informática	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	CSE
12	M	Médico, Professor, Advogado	CT	CT
13	M	Fisioterapeuta, Futebolista	Não sabe curso (mas quer ir para a Universidade)	CT
14	M	Biólogo, Médico	CT (e depois Universidade)	CT

F: Feminino; M: Masculino; CT: Curso de Ciências e Tecnologias; CSE: Curso de Ciências Socioeconómicas; AV: Curso de Artes Visuais; CP: Curso Profissional na área da Gestão e Contabilidade.

Consultando o quadro 1 verificamos que nem todos os alunos conseguem listar três profissões no âmbito da sua preferência, sendo que as profissões referenciadas parecem traduzir, nas raparigas e nos rapazes, um padrão de profissões relativamente comum e tradicional. Ressalve-se, contudo, que três alunas apresentam preferências fora deste padrão, pois uma aponta a profissão de investigadora, outra refere a profissão de guitarrista e outra enumera várias profissões na área artística. Através destes dados verificamos que elas ponderam um leque variado de opções, não se restringindo a profissões de ajuda, mas não considerando profissões de engenharia, tecnologia ou informática, como aconteceu noutros estudos (S. Reis & Graham, 2005).

Continuando a comparar os dados em ambos os géneros, constatamos que as raparigas no início do programa parecem revelar mais incerteza em relação à opção de estudos a seguir no ensino secundário, sendo que apenas duas referem o curso de Ciências e Tecnologias, enquanto o mesmo é apontado por cinco rapazes. Todavia, todas declaram querer frequentar o ensino superior, situação mais difusa no grupo dos rapazes. Parece-nos que estes resultados podem interpelar-nos face a dois aspetos. Por um lado, a aspiração de carreira, a expectativa de maior formação das raparigas nesta fase de desenvolvimento e o desejo que estas adolescentes manifestam de terem um papel ativo na sociedade. Por outro lado, a importância do papel de suporte e motivação dos professores e dos pais para que estas alunas não abandonem estes desejos e os traduzam em desempenhos de sucesso (Antunes & Almeida, 2008; Fiebig, 2008; S. Reis & Graham 2005). Também as atividades de aconselhamento de carreira, ou melhor, a educação para a carreira se revelam cruciais (Pérez & López, 2006; A. Robinson, Shore, & Enersen, 2007), sobretudo se a carreira for entendida numa ótica de reconhecimento e valorização do trabalho enquanto um dos elementos da realização global do indivíduo (Greene, 2002; Moreno, 2008).

Após a frequência do programa verificamos que a decisão final da maioria dos alunos se prende com o curso de Ciências e Tecnologias porque, na data, de acordo com o sistema de ensino português e com o sistema de acesso ao ensino superior, era o que lhes permitia um maior leque de cursos

universitários dentro dos seus interesses e capacidades, sendo que o programa funcionou também como promotor do conhecimento de um leque mais vasto de profissões. Aliás, se consultarmos os dados referentes à caracterização das habilitações literárias e do ramo profissional dos pais verificamos que um número mais restrito apresenta níveis de escolaridade superior e profissões especializadas facto que pode dificultar o acesso a modelos e aspirações profissionais mais elevadas, sobretudo no caso das alunas (Roepel, 2003). Seria interessante a realização de um estudo que acompanhasse a evolução destes alunos e analisasse se, em termos de ensino superior, estas alunas optaram efetivamente por profissões inovadoras e se mantiveram o nível de excelência académica e profissional, ou ainda como terão conciliado o exercício de uma atividade profissional com as relações interpessoais, mais especificamente as relações de namoro, ou com a maternidade.

Um olhar mais atento ao quadro 1 permite verificar que uma aluna aparece na tomada de decisão com duas opções CP / CSE (Curso Profissional / Curso de Ciências Socioeconómicas). Esta decisão faz sentido porque estes dois tipos de curso funcionam em registos de inscrição diferentes no sistema educativo português e a aluna pode não ter garantida a inscrição no Curso Profissional, que é a sua opção preferencial porque lhe permite uma maior aprofundamento do conhecimento na área da gestão e economia, permitindo-lhe a certificação dupla no final do ensino secundário, dando-lhe acesso ao mercado de trabalho ou ao prosseguimento de estudos.

Queremos fazer ainda uma pequena referência ao programa “Para lá do 9º ano!”, cuja participação dos alunos e avaliação pelos mesmos foram bastante positivas. O processo de tomada de decisão para os alunos sobredotados e talentosos pode ser bastante complexo e difícil devido às características de multipotencialidade, diversidade de interesses ou gestão das expectativas pessoais com as dos familiares ou outros conhecidos (Blackett & Hermansson, 2005; Greene, 2002, 2006; Lupart, Pyryt, Watson, & Pierce, 2005; Pérez & Lopez, 2006; Pyryt, 1993). Por isso, os psicólogos educacionais que trabalham ao nível do aconselhamento de carreira com alunos sobredotados e talentosos deparam-se com grandes desafios para responder às suas necessidades (Heller,

2005; Kerr & Sodano, 2003). A educação para a carreira, contrariamente ao que aconteceu no nosso estudo e ao que acontece na maioria das escolas públicas portuguesas como uma intervenção pontual no final do ensino básico, deve acontecer ao longo do percurso de formação do aluno e ser concebida como uma parte integrante do processo educativo (Greene, 2002), mais ainda no caso dos alunos do género feminino (Kerr, 1999; Maxwell, 2007; S. Reis, & Graham, 2005; Silverman, 1991). Além disso, devem ser tidas em conta algumas das características socio-emocionais que os alunos sobredotados e talentosos podem apresentar e que, se forem ignoradas, podem obstruir o desenvolvimento do processo vocacional tais como o altruísmo, o sentido de justiça, o perfeccionismo, a perseverança, os elevados níveis de energia, a sensibilidade estética e a ética (Alencar & Virgolim, 1999; Fleith, 2007; Silverman, 1993). Mais uma vez, a importância de reconhecer as elevadas capacidades de uma aluna, ajudando-a a lidar com a dupla condição de ser mulher e ser sobredotada, desafiam os orientadores a promover o seu autoconhecimento e a planificação da carreira contemplando também aspetos emocionais, presentes também na conceção de sucesso feminina (Bizzari, 1998; S. Reis, 2003; S. Reis & Sullivan, 2009; Silverman, 1995; Silverman & Miller, 2009).

Considerações Finais

Numa sociedade que se afirma igualitária e inclusiva importa uma maior atenção à diversidade e à igualdade de oportunidades dos seus diferentes grupos sociais, incluindo-se aqui as jovens sobredotadas e talentosas.

Apesar de, nas últimas três décadas, ter surgido alguma literatura na área da educação e do sucesso profissional das mulheres sobredotadas, os resultados da investigação disponível são ainda escassos. Parece, no entanto, que o sucesso das mulheres talentosas não se pode equacionar apenas pelos êxitos profissionais (Kerr, 2000; Richie, Fassinger, Prosser, & S. Robinson, 1997). Partilhamos da opinião de S. Reis (1999), referindo que seria importante desenvolver mais estudos, para clarificar o grau de influência dos fatores culturais, sociais e ambientais nas experiências educativas das mulheres

sobredotadas; investigar como avaliar as barreiras internas (autoestima ou medo do êxito) que impedem, frequentemente, a manifestação do seu potencial superior. Sobretudo fazem falta estudos longitudinais que permitam compreender e comparar o desenvolvimento psicossocial das mulheres e homens sobredotados, nomeadamente quando realizam as suas opções vocacionais em termos académicos e profissionais.

No entanto, os dados já disponíveis e as reflexões produzidas permitem-nos afirmar a necessidade de uma intervenção vocacional dirigida a este grupo. Esta intervenção assume particularidades próprias e deve estender-se desde a infância à idade adulta, em particular à adolescência e à juventude onde o grupo de pares exerce forte influência, onde se constrói um sentido de si (identidade) nas diversas áreas e onde se processa uma maior exploração e cristalização de projetos de carreira e futuro profissional.

Referências Bibliográficas

- Alencar, M. L., & Virgolim, A. M. (1999). Dificuldades emocionais e sociais do superdotado. In F. P. Sobrinho & A. C. Cunha (Eds.), *Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta* (pp. 89-114). Rio de Janeiro: Dunya.
- Antunes, A. (2008). *O apoio psico-educativo a alunos com altas habilidades: Um programa de enriquecimento numa escola inclusiva*. Dissertação de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Antunes, A., & Almeida, L. S. (2008). Variáveis pessoais e contextuais da excelência no feminino: Um estudo de caso. *Sobredotação*, 9, 63-75.
- Betz, N. (2005). Women's career development. In S. D. Brown e R.W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 253-280). New York: Wiley.
- Bizzari, J. C. (1998). An intergenerational study of three gifted women: Obstacles na challenges confronting women of high potential. *Roeper Review*, 21(2), 110-116.
- Blackett, J., & Hermansson, G. L. (2005). Guidance and counselling of the gifted and talented in New Zeland. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 27, 277-287. doi: 10.1007/s10447-005-3186-2
- Fassinger, R. E., & Richie, B. S. (1994). Being the best: Preliminary results from a national study of the achievement of prominent black and white women. *Journal of Counseling Psychology*, 41(2), 191-204.
- Fiebig, J. N. (2008). Gifted american and german adolescent women: A longitudinal examination of attachment, separation, gender roles, and career aspirations. *High Ability Studies*, 19(1), 67-81.

- Fleith, D. S. (2007). Altas habilidades e desenvolvimento socioemocional. In D. S. Fleith & E. M. Alencar (Eds.), *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: Orientação a pais e professores* (pp. 41-50). Porto Alegre: Artemed.
- Greene, M. J. (2002). Gifted adrift? Career counseling of the gifted and talented. *Roeper Review*, 25, 66-72.
- Greene, M. J. (2006). Helping build lives: Career and life development of gifted and talented students, *Professional School Counseling*, 10, 34-42.
- Heller, K. A. (2005) Education and counseling of the gifted and talented in Germany. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 27, 191-210. doi: 10.1007/s10447-005-3181-7
- Kerr, B. A. (1999). Orientación profesional de las mujeres superdotadas. In J. Ellis & J. Willinsky (Eds.), *Niñas, mujeres y superdotación* (pp. 155-163). Madrid: Narcea, S. A. de Ediciones.
- Kerr, B. A. (2000). Guiding gifted girls and young woman. In K. A. Heller, F. J. Mönks, R. J. Sternberg & R. F. Subotnik (Eds.), *International handbook of giftedness and talent* (pp. 649-657). Oxford: Elsevier.
- Kerr, B., & Sodano, S. (2003). Career assessment with intellectually gifted students. *Journal of Career Assessment*, 11, 168-186.
- Lupart, J. L., Pyryt, M. C., Watson, S. L., & Pierce, K. (2005). Gifted education and counselling in Canada. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 27, 173-190. doi: 10.1007/s10447-005-3180-8
- Maxwell, M. (2007). Career counseling is personal counseling: A constructivist approach to nurturing the development of gifted female adolescents. *Career Development Quarterly*, 55, 206-224.
- Moreno, M. L. (2008). A educação para a carreira: Aplicações à infância e à adolescência. In M. C. Taveira & J. T. Silva (Coords.), *Psicologia Vocacional* (pp. 29-58). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Pérez, L. F., & López, E. (2006). La orientación vocacional en los alumnos com talentos. In L. F. Pérez (Ed.), *Alumnos con capacidad superior: Experiencias de intervención educativa* (pp. 295-326). Madrid: Editorial Síntesis.
- Perrone, P. A. (1997). Gifted individuals' career development. In N. Colangelo & G. A. Davis (Eds.), *Handbook of gifted education* (pp. 398-407). Boston: Allyn and Bacon.
- Pyryt, M. C. (1993). Career development for the gifted and talented: Helping adolescents chart their futures. *Journal of Secondary Gifted Education*, 5, 18-22.
- Reis, A. P., & Gomes, C. A. (2011). Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdades: A sub-representação de meninas entre alunos superdotados. *Estudos Feministas*, 19(2), 503-519.
- Reis, S. M. (1999). Necesidades especiales de las niñas y mujeres muy inteligentes. In J. Ellis & J. Willinsky (Eds.), *Niñas, mujeres y superdotación* (pp. 61-78). Madrid: Narcea, S. A. de Ediciones.
- Reis, S. M. (2003). Gifted girls, twenty-five years later: Hopes realized and new challenges found. *Roeper Review*, 25(4), 154-157.

- Reis, S. M. (2005). A research-based conception of giftedness in women. In R. J. Sternberg & J. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (pp. 217-245). Cambridge: Cambridge University Press.
- Reis, S. M., & Graham, C. (2005). Needed: Teachers to encourage girls in math, science, and technology. *Gifted Child Today*, 28(3), 14-21.
- Reis, S. M., & Sullivan, E. E. (2009). A theory of talent development in women of accomplishment. In L. V. Shavinina (Ed.), *International handbook on giftedness* (pp. 487-504). New York, NY: Springer.
- Richie, B. S., Fassinger, R. E., Prosser, J., & Robinson, S. (1997). Persistence, connection, and passion: A qualitative study of the career development of highly achieving African American-black and white women. *Journal of Counseling Psychology*, 44(2), 133-148.
- Robinson, A., Shore, B. M., & Enersen, D. L. (2007). *Best practices in gifted education: An evidence-based guide*. Waco, TX: Prufrock Press.
- Roeper, A. (2003). The young gifted girl: A contemporary view. *Roeper Review*, 25(4), 151-153.
- Saavedra, L., Loureiro, T., Silva, A. D., Faria, L., Araújo, A., Ferreira, S., Taveira, M. C., & Vieira, M. C. (2011). Condições necessárias e suficientes para escolher ou não escolher as engenharias: Os olhares das raparigas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15(2), 287-302.
- Saavedra, L., Vieira, C. M., Araújo, A., Faria, L., Silva, A. D., Loureiro, T., & Taveira, M. C. (2011). (A)Simetrias de género no acesso às Engenharias e Ciências no Ensino Superior Público. *EX AEQUO*, 23, 163-177.
- Silverman, L. K. (1991). Helping gifted girls reach their potential. *Roeper Review*, 13(3), 122-123.
- Silverman, L. K. (1993). *Counseling the gifted and talented*. Denver, CO: Love.
- Silverman, L. K. (1995). Why are there so few eminent women? *Roeper Review*, 18(1), 5-13.
- Silverman, L. K., & Miller, N. B. (2009). A feminine perspective of giftedness. In L. V. Shavinina (Ed.), *International handbook on giftedness* (pp. 99-128). New York, NY: Springer.
- Super, D. E. (1990) A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career choice and development* (2nd ed., pp. 197-261). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Taveira, M. C., (2000). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Taveira, M. C., & Nogueira, C. (2004). Estudos de género e psicologia vocacional: Confronto de teorias e implicações para a intervenção vocacional. In M. C. Taveira (Coord.), *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 57-82). Coimbra: Editorial Almedina.

Recebido 30/9/2012.Aceito 10/10/2012.



Nota curricular de cada autor:

Ana P. Antunes - Psicóloga da Educação com doutoramento em Psicologia da Educação sobre programas de enriquecimento para alunos com altas habilidades. Prof. Auxiliar Convidada na Universidade da Madeira, Portugal.

Leandro S. Almeida - Professor Catedrático de Psicologia da Educação no Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal). Projetos de investigação na área da cognição, aprendizagem e rendimento escolar. Publicações de vários livros e artigos, incluindo algumas provas psicológicas na área da inteligência.

Endereço para correspondência:

Universidade da Madeira, Centro de Artes e Humanidades, Edifício da Penteadá, Caminho da Penteadá, 9000-390 Funchal, Portugal

Endereço eletrónico: aantunes@uma.pt